

VIAJANDO PELO BRASIL, NUM CONTO DE LIMA BARRETO

Irenísia Torres de OLIVEIRA
Universidade Federal do Ceará

RESUMO: Este artigo propõe uma análise do conto *Como o “homem” chegou*, de Lima Barreto. Parte da construção narrativa, fortemente satírica, para compreender como os elementos dispersos ao longo do conto chegam a compor uma visão concatenada do país. Também aborda o tratamento no conto de instituições como polícia e política, e de assuntos centrais, como progresso, ciência, saber e loucura.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto; sátira; conto

ABSTRACT: This article proposes an analysis of the tale *Como o “homem” chegou*, by Lima Barreto. It examines the construction of the satirical narrative to understand how the elements scattered throughout the history come to compose an coordinated view about Brazil. It also focuses the treatment, in the tale, of institutions, such as politics and police, and central issues, such as progress, science, knowledge, and madness.

KEYWORDS: Lima Barreto; satire; tale.

O conto de Lima Barreto, *Como o “homem” chegou*, é uma sátira muito direta, de ataque às instituições (polícia, política, imprensa, ciência) e à sociedade de maneira geral. Pouco se salva. Foi escrita em 1914, num momento difícil da vida do autor, logo depois de sua primeira internação em hospício, levado num carro forte da polícia, a chamado do próprio irmão.

É uma narrativa um pouco dispersa, cuja razão de ser está na tentativa de alinhar as mazelas, mostrá-las em série, um pouco à

maneira do *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Neste, entretanto, ainda temos o fio do projeto nacionalista de Policarpo, que leva o leitor a conhecer os problemas do país. O que dá seqüência aos problemas, neste conto, é a viagem de Manaus até o Rio de Janeiro, opondo a mentira em que todos vivem ao isolamento honesto do “homem” do título.

O conto é a história da prisão de Fernando, o astrônomo um tanto excêntrico que mora em Manaus com o pai e é tomado como louco, por conta da ignorância da família e das maquinações de Barrado, um doutor da mesma cidade que inveja seu grande conhecimento. A polícia do Rio, para atender ao pedido de um político influente, manda buscá-lo em um carro forte, puxado por dois burros. A viagem dura quatro anos, passando por lugares do interior do país, até a chegada ao Rio, com Fernando já morto.

As únicas figuras positivas no conto são o astrônomo, o professor de um dos lugarejos onde a caravana pára e um dos burros. Todas as outras são satirizadas. O delegado é, ao mesmo tempo, autoritário e subserviente; o alto funcionário da polícia é irresponsável e arbitrário; a família na cidade pequena é supersticiosa e influenciável; os profissionais liberais e classe média são deslumbrados e servis; o doutor é um cavador charlatão, pernóstico e inescrupuloso, que se faz acompanhar de um jornalista enganador e de um antropólogo charlatão. Em linhas gerais, pode-se perceber que as personagens são caricaturas. Mesmo Fernando, tratado a sério, não chega a ser propriamente uma individualidade. É o homem sério e bom, num mundo dissoluto.

1 RIDICULARIZAÇÃO E SÁTIRA

O conto é uma sátira da sociedade brasileira, com uma grande diversidade de tipos. Muitas personagens têm denominações genéricas ou nomes ridículos, como delegado Cunsono, chefes políticos Samambaia, Jati e Sofonias, senador Melaço, doutor Sili,

doutor Barrado, poeta Machino, jornalista Cosmético, antropologista Tucolas e ministro Semicas.

Episódios e comentários cômicos se revezam, dominando o primeiro plano. Entretanto, a sátira é suspensa quando se fala de Fernando e, em certos momentos, há espaço para o tratamento sério das personagens. Ficam muito claros a posição e os valores do narrador satírico.

A narrativa começa com uma ironia bem direcionada: “A polícia da república, como toda a gente sabe, é paternal e compassiva no tratamento das pessoas humildes que dela necessitam.” (BARRETO, 1990, p.178) Depois passa pela imprensa, reclamando a falta de divulgação do caso que vai relatar, apesar de os jornais apreciarem os “*clichés* bem macabramente mortuários” e mais adiante desclassifica abertamente os partidos políticos do lugar: “O programa do partido de Melação era não fazer cousa alguma e o do contrário tinha o mesmo ideal.” (1990, p.180).

O primeiro episódio narrado acontece na delegacia de um lugarejo pertencente à circunscrição de Cunsono e que este inspeciona de tempos em tempos; trata-se de um caso de defloramento. O delegado intervém para arranjar o matrimônio e, mais que isso, convencer o rapaz a votar no partido indicado por ele. Ao longo do conto, vai sendo estabelecida uma relação entre a polícia e a política.

No mesmo instante do acordo familiar, Cunsono recebe de Sili, assessor do chefe inacessível, a ordem para mandar buscar um louco em Manaus. O delegado debate-se com a dúvida acerca da legalidade da incumbência, mas termina vencendo os escrúpulos para mostrar serviço ao chefe, afinal “a lei era ele”. A única dúvida era qual transporte utilizar para trazer o louco. Pensa em mandar um couraçado, mas é convencido pelo ajudante Hane, que conhecia “os compassivos processos policiais”, a solicitar o carro-forte.

Somos informados de que Fernando havia sido vítima das calúnias de Barrado, “um catita do lugar, cheiroso e apurado no corte das calças. Conseguida a ordem para a apreensão daquele que encara

como um rival, Barrado apresenta-se para auxiliar na diligência. Seu intuito é agradar ao poderoso chefe político Sofonias, que também não gostava de Fernando, esperando obter dele o lugar de Diretor Geral das Estrelas de Segunda Grandeza. Aqui se satiriza, além de Fernando, a mania de se criarem órgãos e cargos os mais esdrúxulos, na época, para abrigar gente da família e aliados políticos. É conhecida a implicância de Lima Barreto com os “doutores”, mas essa má-vontade está bem fundamentada no conhecimento das mazelas do país, no período republicano.

...a aparência elegante, smart, torna-se um requisito imprescindível – se acompanhada do título de doutor ou honoríficos correlatos, tanto melhor – para uma forma de parasitismo espúrio grandemente disseminado, verdadeiro peculato, às expensas do orçamento público: a *cavação*. (SEVCENKO, 1985, p. 40-41)

O embarque do carro-forte para Manaus é ocasião para algumas situações muito cômicas, porque primeiro o doutor tem a idéia de enviá-lo boiando, já que os couraçados também são pesados e ficam em cima d’água, com os burros nadando na frente. A caixa de ferro obviamente afunda, “com grande desprezo pela hidrostática do doutor”. Depois resolvem embarcá-lo em um pacote, mas não sabem onde devem ficar os burros. Telegrafam ao doutor Sili e logo recebem a resposta clara e concisa: “Burros sempre em cima. Sili.” Ao episódio, se segue o comentário do narrador:

Opinião como esta, tão sábia e tão verdadeira, tão cheia de filosofia e sagacidade da vida, aliviou todos os corações e abraços fraternais foram trocados entre conhecidos e inimigos, entre amigos e desconhecidos.

A sentença era de Salomão e houve mesmo quem quisesse aproveitar o apotegma para construir uma nova ordem social. (BARRETO, 1990, p. 186)¹

¹ O comentário do narrador aproxima o “apotegma” de Sili da teoria do medalhão e do segredo do bonzo machadianos. Em todos os casos, a charlatanice é convertida em sabedoria e sistema.

No pacote, a prisão blindada é alvo de verdadeira adoração dos viajantes. Um oficial, um médico, um advogado, um literato, um sicofanta e uma moça soltam expressões de admiração, ao saberem que o carro acompanha um recomendado de Sofonias. “Houve mesmo escala para dar ração aos burros, pois os mais graduados se disputavam a honraria.” (p. 187) Só o criado escapa ao fascínio; olha com desdém para a geringonça que lhe perturba o serviço.

Chegando em Manaus, a comitiva, sob as ordens de Sili, monta um verdadeiro trem de guerra para capturar o louco, mas não consegue prendê-lo. Um dia, por acaso, Barrado vai encontrá-lo sozinho em um café no centro comercial, conversa com ele um pouco sem reconhecê-lo, depois se dá conta de quem se trata e mete-o no carro-forte.

A viagem de volta é por terra, aos solavancos e sob um sol inclemente. Tucolas, nas paradas pelo caminho, captura inicialmente formigas para fazer medidas antropométricas, depois passa para as ostras, interessado em suas caixas cranianas. Durante o percurso, os dois falam sobre cargos e influências políticas.

Após dias de viagem, param em uma aldeia pobre, à margem de um rio, em busca de hospedagem e alimentação. Consultam Sili, para saber se podem tirar Fernando do carro, mas a resposta é negativa: segundo o regulamento, o ar fazia mal para esse tipo de preso.

No jantar, acontece o desentendimento entre Barrado e o professor público, por questões gramaticais. O professor é referido como ingênuo, cândido, manso, meigo e seguro, diante da arrogância do doutor. Os viajantes sentam-se à mesa com ele, que aproveita para falar sobre o lugar, a falta de interesse dos jovens pelo estudo, o desejo de progresso, a dependência da caça para viver, as dificuldades da agricultura. A cada frase diz “tirante isso”, “tirante aquilo” e também “a gente”. Barrado, que tem fumaças de gramático, vai-se irritando com o modo de falar do professor, “um falar de preto mina!” No fim, o professor traz uma gramática para mostrar que não havia cometido o solecismo de que lhe acusara Barrado e este vai embora, despeitado e furioso.

Eles continuam a longa viagem, passando por montanhas e rios. Numa travessia, acabam sendo atacados por jacarés. Um dos burros tem a pata arrancada, mas se recupera milagrosamente e continua acompanhando a comitiva. Barrado se salva por causa da pele muito dura.

Prosseguindo a viagem, o cocheiro avisa, em dado momento, que o homem deve estar morto. Já cheira mal. Mas Barrado não abre o carro porque é contra o regulamento. Levam meses andando, com o burro aleijado mancando atrás. Os urubus esvoaçam sobre a caravana e Barrado se encarrega de espantá-los.

Passados dois anos, acontece o último episódio satírico da viagem. Ao chegarem à aldeia dos Serradores, nas margens do Tocantins, está havendo uma grande disputa para preenchimento de uma vaga na Academia dos Lambrequins. Logo que sabe, Barrado trata de se candidatar. “- Moço, o senhor sabe fazer lambrequins? - Não sei, não sei, mas aprendo na academia e é para isso que quero entrar.” (p. 194). Barrado não é eleito, perde para um serrador mais hábil, e eles seguem viagem.

Ao fim de quatro anos, a caravana chega ao Rio de Janeiro. A porta do carro não abre mais com a chave, está emperrada devido aos trancos e acidentes da viagem. É chamado um serralheiro. O exame do doente, determinado por Sili, é feito “numa atmosfera de desinfetantes, (...) no necrotério público”.

A frase final ainda é dirigida ao delegado Cunsono. Este foi o destino do enfermo, pelo qual ele tão solícitamente se interessara.

Como se percebe, pela seqüência de episódios, os personagens mais diretamente satirizados são o delegado Cunsono, o doutor Sili, assessor do diretor de polícia, e o doutor Barrado. Os políticos são apenas mencionados, mas os três gravitam em torno deles, tendo sempre em mente prestar-lhes serviços para conquistar simpatia e favores.

A intenção de ataque das mazelas do país e de seus beneficiários, nesse conto, é mais forte do que a própria representação.

Por isso, pode-se até abrir mão do realismo, como no caso do burro que perde a pata no ataque de jacarés ou a extensão da viagem, feita em quatro anos. O mais importante é caracterizá-los, através de comentários e episódios, e puni-los com o ridículo. Um texto como esse visa principalmente ao presente, busca interferir na ordem estabelecida e seu forte é um profundo senso das circunstâncias. Nem todas as narrativas de Lima Barreto têm uma ligação tão forte com a ação imediata, embora em maior ou menor grau o autor tenha sempre desejado intervir. A crítica de sua época tendeu a ver na preferência pelo presente concreto uma condenação ao desaparecimento. Medeiros e Albuquerque, em uma crônica, e José Veríssimo, em carta ao escritor, fizeram críticas severas ao romance *Recordações do escrivão Isaiás Caminha*, devido ao aspecto caricatural de seus personagens. Era o primeiro romance publicado por Lima Barreto. Os dois críticos importantes na época elogiaram o estilo, considerando-o já maduro, mas condenavam veementemente a proximidade “perigosa”, a coincidência muitas vezes, de seus personagens com pessoas reais. Num trecho da carta, José Veríssimo procura dar ao escritor estreante ao mesmo tempo um esclarecimento e um aviso.

A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer síntese de tipos, situações, estados d’alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras. (BARRETO, 1956, p. 204)

De certa maneira, o crítico tem razão. A obra literária precisa continuar fazendo sentido para a posteridade, se quer durar. A crítica mais atual vem mostrando por que Lima Barreto sobreviveu como escritor, com seus *romans à clef* e suas caricaturas. Outros autores da mesma época, que produziram uma obra de idealização e convenção, caíram no esquecimento. O maior exemplo é Coelho Neto.

Lima Barreto acreditava que, mesmo depois de esquecidas as pessoas nas quais se inspirou, as personagens sobreviveriam. É essa a resposta que dá, numa carta, à crônica um tanto dura de Medeiros e Albuquerque. (BARRETO, 1956, p. 198) Talvez o sucesso de Lima se deva a que selecionou bem as pessoas a retratar. Não representava qualquer um na rua, que lhe desgostasse pessoalmente. Procurou os tipos que adotavam formas de comportamento “grandemente disseminadas”, como a cavação referida pelo historiador Nicolau Sevcenko mais acima. Estas formas normalmente apontam para algum condicionamento forte, com enraizamentos estruturais.

O perigo maior, nesse caso, seria explicar com moralismo os problemas, esquecendo a dimensão das relações sociais. E isso o escritor não fez. Barrado é um canalha rabiscado em linhas grossas, mas, com as mesmas linhas, se delineia também, na profusão dos episódios, uma sociedade.

2 SUSPENSÃO DA SÁTIRA: ISOLAMENTO

O conto *Como o “homem” chegou* é fortemente satírico, mas em alguns momentos a veia corrosiva se detém e deixa espaço para a seriedade e o lirismo. O vilarejo remoto, que o delegado visita de vez em quando, é descrito idilicamente. Calmo, ordeiro, sem riqueza e sem ladrões, tinha espaço para todos que quisessem ali viver, mesmo que “em choças ligeiras sobre chãos de outros donos mal conhecidos” (p. 178). A delegacia praticamente não tinha movimento e os inspetores viviam esquecidos de “sua condição de sustentáculos do Estado”. Os únicos casos registrados eram os de defloração e mesmo assim a lei apenas “sagrava o que já havia sido abençoado pelas prateadas folhas das imbaúbas, nos capoeirões cerrados”. (p. 180) Num ritmo mais suave, o narrador descreve o lugar e sua pequena vida, ocupações e contravenções, a economia pouco complexa, as relações sociais quase espontâneas. Fora disso, há o delegado que vem de tempos em tempos certificar-se de que a lei e os regulamentos

estão sendo cumpridos e se chateia com a ociosidade de todo esse aparato na pequena comunidade. "... houve alguma prisão? não doutor; e a frente do doutor se anuviava, como se sentisse naquele desuso do xadrez a morte próxima do Estado, da Civilização e do Progresso." (p. 179)

O modelo de lugar sossegado e idílico parece ser o subúrbio do Rio do Janeiro, a julgar pela crônica publicada em 28.12.1914. Nesta, Lima Barreto faz menção a notícias de jornal que informam e reclamam das delegacias suburbanas, onde numa noite passada um delegado teria encontrado "comissários a dormir e soldados a sonhar". Como de fato a vida ali era muito tranqüila, quase não se tendo notícia de crimes, a conclusão da crônica é contrária à exigência dos jornais de maior atuação policial no subúrbio.

Os policiais suburbanos têm toda a razão. Devem continuar a dormir. Eles, aos poucos, graças ao calejamento do ofício, se convenceram de que a polícia é inútil.

Ainda bem. (BARRETO, 2004, p. 130)

Fernando é outro ponto de suspensão da sátira. Vive sozinho com o velho pai numa chácara nos arrabaldes da cidade e dedica-se à astronomia. "Abandonara, não de todo, mas quase totalmente a terra pelo céu inacessível." O personagem está num ponto distante do país. A chácara, a astronomia, a matemática, a inteligência pura constituem um refúgio tanto da ignorância quanto da mentira em que vivem todos os outros personagens. É como se, para estar fora do jogo, fosse necessário ser um pouco excêntrico, "descompassado", como se diz no conto.

O professor do sertão aparece valorizado também, vencendo o duelo contra a presunção de Barrado. No interior do país, sem apoio do governo, mas desejando o progresso, ele e o lugarejo mantêm-se longe das disputas do centro.

Outro personagem inesperadamente positivo é um dos burros, que fica aleijado depois de um ataque de jacarés. De toda a comitiva, é o único que tem piedade de Fernando, demonstrando mais humanidade que os humanos.

O vilarejo pacato, o estudioso isolado na chácara nos confins de Manaus, o professor no sertão e o burro aleijado são opostos aos que representam o Estado, a Civilização e o Progresso, com letras maiúsculas: o delegado, o doutor, o chefe de polícia, os políticos, literatos, jornalistas e antropologistas, além da sociedade de classe média deslumbrada com os poderosos.

As figuras positivas promovem a suspensão da sátira, no plano da narrativa, e representam enclaves no emaranhado de interesses das instituições republicanas. O lugarejo sem lei e sem crimes está fora porque ainda não foi afetado pela modernização e tem a possibilidade de desdenhar os aparatos policiais. O professor sertanejo também ainda não foi afetado pelo progresso, que espera chegar em forma de expectativa para os jovens e apoio à agricultura. Fernando também está excluído porque não deseja cargos, dedica-se à busca do conhecimento pelo amor ao saber; e o burro manco olha tudo de longe, porque se tornou inútil para o trabalho.

O isolamento assume um valor positivo em relação ao jogo viciado do poder, mas o progresso possui vários significados no conto. É bom quando ele ainda não chegou em forma de riqueza, trazendo consigo roubos e crimes, exigindo o endurecimento e o cumprimento das leis. Mas é desejado, no sertão, para auxiliar numa agricultura dificultada pelas condições naturais e para incentivar a educação. É possível perceber que Estado e progresso são pensados juntos. No primeiro, o Estado aparece como instituição repressiva, e é supérfluo; no segundo, é ausente, não apóia e não cumpre seu papel de trazer o progresso. O primeiro significa riqueza e propriedades; o segundo é o apoio ao mais fraco, propriamente civilizatório.

O isolamento de Fernando, confrontado com a mobilização de forças para prendê-lo e matá-lo, reforça a idéia de um sistema

viciado e intolerante para com os não-alinhados, que vai buscar seja onde for os seus dissidentes com os meios mais disparatados. Os anos turbulentos da República Velha e a Campanha de Canudos devem ter deixado na atmosfera essa impressão de intolerância e desproporção, que encontramos no conto de Lima Barreto.

3 A POLÍCIA

O ataque à polícia, ao que parece, é a motivação do conto, pois este começa e termina com ironias à instituição. É possível notar a antipatia do narrador pelo aparato policial, devida em parte, quem sabe, ao anarquismo difuso de Lima Barreto.

Como não se trata de qualquer uma, mas da polícia da república, as críticas resvalam também para o poder político. O delegado Cunsono, na intervenção junto ao casal de namorados, está mais preocupado em conciliar questões partidárias dos chefes locais do que com aspectos legais ou familiares. Além disso, Sofonias, o poderoso chefe político, apesar de ser apenas mencionado no conto, paira sobre toda a expedição a Manaus e temos a informação de que Fernando era seu desafeto. O conto estabelece uma clara ligação entre polícia e política, normalmente subordinando a primeira à segunda.

O narrador evita focar os pólos mais altos do poder, deixando o imbróglio nas mãos de auxiliares e subordinados, com poderes praticamente ilimitados e atuações arbitrárias. “Sili, o doutor Sili, bem como Cunsono, graças à prática que tinha do ofício, dispunham da liberdade dos seus pares com a maior facilidade.” (p. 183) Por outro lado, este poder direto e arbitrário, ligado à pessoa (a lei era ele!), se alia a uma espécie de indiferença protocolar e burocrática: “Era um contínuo trazer um ofício, logo, sem bem nem pensar no que faziam, sem lê-lo até, assinavam e ia com essa assinatura um sujeito para a cadeia, onde ficava aguardando que se lembrasse de retirá-lo de lá a sua mão distraída e ligeira.” (p. 183)

Lima Barreto deu muita atenção, em sua obra, às combinações geradas pela sociedade brasileira que se modernizava e significavam impasses duradouros, mazelas de nossa organização social, simbioses altamente nocivas para a maioria da população. A burocracia, que deveria ser um tributo a pagar à impessoalidade da lei, se converte em alibi para a indiferença com os desprotegidos do mando. No momento adequado, pode encobrir o assassinato dos desafetos: é para cumprir o regulamento que o carro-forte permanece fechado durante toda a viagem.

A técnica narrativa consiste em trazer os elementos aos poucos, em episódios e comentários curtos, dispersos ao longo do texto, mas que estabelecem relações. Por isso, consegue tratar da polícia sob vários aspectos, contemplando relações e evitando a simplificação de significados.

4 O CARRO-FORTE

A “prisão blindada” de Fernando tem uma existência quase autônoma e recebe muita atenção, sendo descrita e mencionada várias vezes ao longo da narrativa.

A inspiração para o carro-forte vem da experiência do autor de já ter sido transportado em um deles pela polícia, até o hospício. A referência é imediata. Tanto que a primeira descrição é feita de dentro do carro, enfatizando as sensações de desconforto e clausura:

... no tal carro feroz, é tudo ferro, há a inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados – uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se quer lhe poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão. Um requinte de potentado asiático. (p. 183)

A descrição insiste na onipresença do ferro por todos os lados, em contato com o corpo desamparado, sofrendo o próprio peso nos solavancos do caminho. Há também um sentimento de incompatibilidade e desproporção na oposição corpo humano/ferro. A própria frieza da pedra das masmorras é dita como meiga diante da “antipatia” do ferro. Por que o metal parece ainda mais intolerável do que a pedra, para o narrador, pode ser uma questão particular. O certo é que a masmorra, por mais dura e fria que seja, ao menos não chacoalha, não se bate contra o frágil corpo humano.

O conto aplica muitos termos ao carro forte, a cada vez que o menciona: prisão de Calístenes blindada, chapeada, couraçada; calistênica; bendegó feio e brutal, estúpido e inútil, como um monstro de museu; estafermo; almanjarra pesadona, ergástulo ambulante; meteorito; caranguejola; cárcere ambulante; forno ambulante.

As denominações prisão de Calístenes e calistênica prefiguram o destino de Fernando, já que Calístenes, cronista grego da expedição de Alexandre na Ásia, teria morrido na prisão, por maus tratos e inanição. O cronista era um homem sábio e altivo e se recusava à prostração exigida por Alexandre, que significava literalmente rastejar aos pés do poderoso. A referência, portanto, tem mais esta afinidade com a história de Fernando.

A presença do carro, na sua materialidade brutal, impõe-se durante a narrativa. Ele é o instrumento, a presença material do poder e da violência, no que estes têm de odioso e também de sedutor. No pacote, representa o poder de Sofonias. Os viajantes no barco e o governador em Manaus só têm olhos para ele, ficam extasiados. A almanjarra se torna um fetiche elogiado primeiro pelo engenho construtivo e a elegância das linhas e depois adorado religiosamente. “Nos últimos dias, quando um qualquer dos passageiros dele se acercava, passava-lhe pelo dorso negro a mão espalmada com a contrição religiosa de um maometano ao tocar na pedra negra de Caaba.” (p. 187)

Partindo de uma experiência individual, Lima Barreto desenvolveu, em ficção, a hipótese mais ampla de que os instrumentos de violência, identificados com o poder, tenderiam a ser não apenas aceitos, mas admirados e desejados, por mais brutais que fossem à primeira vista.

5 LOUCURA

O tema da loucura é recorrente na obra de Lima Barreto. No romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, encontram-se algumas de suas representações mais sensíveis, nas figuras do próprio Policarpo, desatinado e incompreendido no seu sonho de um país independente, e de Ismênia, a moça que perde o sentido de tudo depois de abandonada pelo noivo, não pela dor de amor, mas pela idéia fixa do casamento.

Fernando é mais um dos loucos tocantes de Lima Barreto, mesmo não sendo propriamente louco. Vive isolado do mundo, numa chácara, entregue à “inocente mania” da observação dos astros e ao estudo da matemática, não de qualquer maneira mas “com afinco e fúria de um doido ou de um gênio.” O vínculo entre conhecimento e loucura é muito comum, sendo tratado no conto com algumas implicações importantes.

Uma delas é o desligamento do estudioso de aspectos mais práticos da vida. O narrador diz que Fernando quase trocou a terra pelo céu. Era uma pessoa diferente, inclusive no sentido positivo de não se envolver nas bandalheiras locais. Por isso, foi tomando a fama de louco. “Certos gestos, certas despreocupações e mesmo outras manifestações mais palpáveis, pareciam justificar o julgamento comum” (p. 184)

Outro aspecto tratado, nesse caso, é o da reação da família, que se sente envergonhada pelo parente e na obrigação de tomar alguma providência para curá-lo. O veredito da loucura, numa

comunidade mais ou menos fechada, no meio da família, é implacável. É uma porta aberta para todo tipo de arbitrariedade, desrespeito e violência. A fragilidade do indivíduo considerado louco está bem representada no desamparo de Fernando no carro-forte, entregue a más intenções e regulamentos estúpidos, mesmo se levarmos em conta os exageros da sátira.

6 SABER E CIÊNCIA

Em parte, a crítica relacionada com a ciência, neste conto, repousa sobre o fato de que os doutores não conhecem tanto quanto deveriam, aliás, são completamente estúpidos, desconhecendo noções elementares que mesmo pessoas sem estudo adquiriram pela experiência. Na linguagem direta do conto, são burros. Os episódios de embarque e desembarque do carro-forte são muito engraçados por causa das dúvidas de Barrado, sobre se o carro bóia ou não bóia e suas conclusões erradas a respeito, que terminam em confusão. O carro afunda “com grande desprezo pela hidrostática do doutor”.

Na mesma linha, aparecem as alusões à geografia e leitura dos mapas. As distâncias são interpretadas sem noção de escala, tomando-se grandes extensões como pequenas, devido ao tamanho da distância no mapa. A geografia dos doutores é um completo nonsense. Tanto que a caravana acredita que vai chegar logo ao Rio e demora quatro anos.

Em relação à antropologia, a crítica tem mais nuances. Há um antropólogo na comitiva, com um nome esquisito, Tucolas. Ele é amigo de Barrado e se oferece como guia para levar o carro até o Rio. Considera-se habilitado para isso, depois das viagens científicas que fez pelo interior do Brasil, a fim de recolher formigas para medições antropométricas.

Era sábio naturalista, e antropologista, e etnografista da novíssima escola do conde de Gobineau, novidade de uns sessenta anos atrás;

e, desde muito, desejava fazer uma viagem daquelas para completar os seus estudos antropológicos nas formigas e nas ostras dos nossos rios. (p. 190)

A narrativa, além de relegar a ciência ao absurdo de aplicar seus métodos sem qualquer critério, lança luz sobre a busca de novidade no exterior e a subserviência às suas imposições. No caso da antropologia, já em 1905 Lima Barreto previa os perigos a que podia levar. Em um escrito de diário, mostrava-se alerta para o sortilégio de se pretender estar lidando, não com um preconceito, mas com um conceito, quando se tratava de definir raças superiores e inferiores. Escreve, então, com grande acuidade a respeito das idéias científicas do período: “Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças...”. (1993, p. 71)

7 CONCLUSÃO

É possível perceber como o escritor aproveita as sugestões da própria experiência e das notícias de jornal, na história que vimos analisando. São as questões particulares expostas com espírito geral, que, para Antonio Candido, exprimem o ritmo profundo da obra de Lima Barreto (1989). Por isso, embora muitas vezes falando de si mesmo e do que via, o escritor pôde falar do país, de seus problemas, com conseqüências no futuro, onde estamos hoje, seus leitores.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. Como o “homem” chegou. In: *Contos reunidos*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1990, p. 178-194.
- BARRETO, Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

- BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2a. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 39-50.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense: 1985.